
ACADEMIA PORTUGUESA DA HISTÓRIA

**ELOGIO
DO
PROFESSOR
MANUEL FARINHA DOS SANTOS
(1921-2001)**

POR
JOÃO LUÍS CARDOSO

RESPOSTA DE
JUSTINO MENDES DE ALMEIDA



LISBOA



MMXIII

**ELOGIO
DO
PROFESSOR
MANUEL FARINHA DOS SANTOS
(1921-2001)**



M. Fairclough Smith

Ficha técnica :

Título

Elogio do Professor Manuel Farinha dos Santos (1921-2001)

Edição

Academia Portuguesa da História

Patrocínio

Universidade Autónoma de Lisboa

Coordenação

Manuela Mendonça

Tiragem

100 exemplares

© Academia Portuguesa da História

Execução Gráfica

Graficamares, Lda.

R. Parque Industrial Monte Rabadas, 10

4720-608 Prozelos - Amares

Depósito Legal

365174/13

ISBN

978-972-624-202-4

Esta edição foi cofinanciada pela Universidade Autónoma de Lisboa



TÁBUA DAS MATÉRIAS

RELATO DA SESSÃO	9
ELOGIO DO PROFESSOR MANUEL FARINHA DOS SANTOS..... João Luís Cardoso	15
BIBLIOGRAFIA DO PROFESSOR MANUEL FARINHA DOS SANTOS...	53
RESPOSTA AO RECIPIENDÁRIO	71
Justino Mendes de Almeida	



RELATO DA SESSÃO

As 15 horas e 30 minutos do dia 20 de março de 2002, na sede da Academia Portuguesa da História, Largo da Rosa, n.º 5, Lisboa, reuniu-se a Assembleia Geral da mesma Academia, sob a presidência do Prof. Doutor Joaquim Veríssimo Serrão, que estava ladeado pelo 1.º Vice-Presidente, Prof. Doutor Justino Mendes de Almeida, e pelo Secretário-Geral, Eng.º Eurico Malafaia.

Secretariou a sessão a Vice-Secretária-Geral.

Encontravam-se presentes os seguintes Académicos:

De Mérito: Carlos Antero Ferreira, José Pedro Machado, Luís Aires-Barros, e Roberto Gulbenkian;

Honorários: Eduardo Romano Arantes e Oliveira, Francisco da Costa Mendes Magro, Francisco de Simas Alves de Azevedo, Nuno Valdez dos Santos e Rogério de Oliveira;

De Número: António Pedro Vicente, Francisco Santana, Henrique Pinto Rema, João Luís Cardoso e Maria Leonor Machado de Sousa;

Correspondentes: *António Augusto Tavares, António Lopes, António de Sousa Araújo, Armando Carvalho Homem, Armando Santinho Cunha, José Vicente Montalvão Machado, Maria Graciana Dias Marques e Nestor Fatia Vital;*

Supranumerários: *Teotónio R. de Souza.*

Justificaram a sua ausência e associaram-se às homenagens os Académicos Américo da Costa Ramalho, António de Carvalho Quintela, Carlos Bessa, Dário de Castro Alves, João de Deus Ramos, Humberto Baquero Moreno, Manuel Freire Themudo Barata, Matilde de Sousa Franco, Manuela Mendonça, Margarida Garcez Ventura, Maria de Fátima Reis, Maria do Rosário Themudo barata e Victor Gonçalves.

Enviou uma carta de cumprimentos o Presidente da Associação dos Arqueólogos Portugueses, que delegou no Vice-Presidente, Dr. João José Fernandes Gomes, a representação da Associação.

A abrir a sessão, o Presidente cumprimentou as entidades oficiais presentes na cerimónia: Dr.^a Teresa Zambujo, Vice-Presidente da Câmara Municipal de Oeiras; Eng.^o António Monge Soares, Subdirector do Instituto Português de Arqueologia; Almirante Rogério de Oliveira, Presidente da Academia de Marinha; Prof. Eng.^o Luís Aires-Barros, Presidente da Sociedade de Geografia de Lisboa; Senhor João José Fernandes Gomes, Vice-Presidente da Associação dos Arqueólogos Portugueses; Prof. Jorge Tracana de Carvalho, Presidente da Cooperativa de Ensino Universitário da Universidade Autónoma de Lisboa e outros membros da Direcção.

Saudou depois a Senhora Dr.^a Margarida Farinha dos Santos Graça e seu Marido, Senhor Dr. António da Silva Graça, respectivamente Filha e Genro do Professor Manuel Farinha dos Santos.

Imposição de insígnias

Seguiu-se a imposição de insígnias ao novo titular da Cadeira n.º 9, Prof. Doutor João Luís Cardoso: o Presidente e a Filha do Professor Farinha dos Santos, colocaram-lhe o colar que fora pertença do ilustre Professor; o Prof. Doutor Justino Mendes de Almeida entregou-lhe as respectivas insígnias e a medalha comemorativa do cinquentenário da Academia; e o Secretário-Geral o diploma da Instituição.

Ordem do dia

O Presidente deu em seguida a palavra ao Prof. Doutor João Luís Cardoso. Depois de cumprimentar os Familiares do Professor Manuel Farinha dos Santos, o novo titular da Cadeira n.º 9 começou por lembrar que lhe devia não apenas a proposta para Académico Correspondente, como também a vontade expressa de que lhe sucedesse na Cadeira n.º 9, quando ascendeu a Académico de Mérito. Fez depois o elogio do seu antecessor, salientando o seu percurso escolar, vida profissional, carreira docente e vastíssima bibliografia, sem esquecer as suas extraordinárias qualidades pessoais. Recordou também, com profunda veneração, a memória da Senhora D. Esmeralda Farinha dos Santos, companheira e sustentáculo animico do Mestre.

Prosseguindo a sessão, o Prof. Doutor Justino Mendes de Almeida fez o elogio do recipiendário, começando por afirmar que o não fazia apenas por deliberação do Conselho Académico, mas por vontade própria. Falou depois pormenorizadamente da carreira escolar e académica do Prof. João Luís Cardoso, da sua formação básica como geólogo, dos seus trabalhos como arqueólogo, nomeadamente no Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras, de que é coor-

denador, dos prémios da Academia Portuguesa da História que já recebera e da sua importante bibliografia, considerando-o digno sucessor de Farinha dos Santos.

A terminar, o Presidente congratulou-se com o brilho da sessão, renovou os cumprimentos às entidades presentes e exprimiu a sua satisfação por ver a Academia renovar-se com jovens valores cujo trabalho, honestidade e dedicação às causas garantem o futuro da Instituição.

ELOGIO
DO
PROFESSOR
MANUEL FARINHA DOS SANTOS
(1921 - 2001)

PELO
Académico de Número
JOÃO LUÍS CARDOSO



Senhor Presidente da Academia Portuguesa da História
e membros do Conselho Académico
Exma. Família do Professor Farinha dos Santos
Ilustres Convidados
Senhores Académicos e Caros Confrades
Minhas Senhoras
Meus Senhores

Cumpre-se hoje a obrigação de proferir o Elogio do Professor Manuel Farinha dos Santos, meu antecessor na cadeira n.º 9 desta Academia. É com emoção que o faço, pois habituei-me ao seu convívio amigo nesta mesma sala, que se estendia frequentemente à sua residência. Não esquecerei a insigne figura do humanista, que colocava, acima de tudo, o Ensino e a Ciência que tanto amou e serviu, mesmo na adversidade da doença que, a pouco e pouco, lhe ia retirando as forças. Nesta última fase da sua existência, todo o tempo era pouco para a leitura das últimas obras publicadas de Arqueologia, ciência que cultivou até ao último alento e que, apaixonadamente, continuava a comunicar aos seus alunos do

Seminário de Arqueologia que o visitavam assiduamente, até à semana fatídica em que faleceu; assim se revelava o seu espírito: é que um Professor, que verdadeiramente sente e ama a sua profissão, como Farinha dos Santos a amou, só o deixa de ser depois de morto.

Ao saudar, em primeiro lugar, a Família, pretendo prestar um preito de homenagem à sua memória, já envolta em pungente saudade e ao exemplo moral que constitui toda a sua vida, devotadamente entregue ao estudo e ao ensino, superando-se a si próprio com uma vontade e energia que distinguem os grandes espíritos. Evoco emocionado as múltiplas provas de amizade e de confiança que dele recebi, de que destaco a proposta que viabilizou a minha eleição como académico correspondente, a 18 de dezembro de 1996 e, depois, a vontade expressa para que lhe sucedesse na cadeira que tão brilhantemente ocupou. Tal sucessão ocorreu ainda em sua vida, depois de o Conselho Académico o ter distinguido, em sessão de 6 de Dezembro de 2000, com a sua ascensão a Académico de Mérito, pelos altos serviços prestados à Academia. É por isso que, doravante, usarei este colar que foi seu, e que agora me foi imposto por seu manifesto desejo. Nele, ao seu nome gravado, juntou-se o meu próprio nome. Usá-lo-ei, pois, como insígnia académica que é, dentro e fora desta Academia, com a responsabilidade acrescida de assim estar, também, a honrar a memória, sempre presente, do Amigo querido.

*

O Professor Manuel Luís de Macedo Farinha dos Santos nasceu a 24 de agosto de 1923, na freguesia da Penha de França, da cidade de Lisboa, vindo a morrer nesta mesma freguesia a 29 de setembro de 2001.

Seu pai então com 25 anos, era tenente miliciano de Engenharia e engenheiro de máquinas pelo Instituto Superior Técnico e sua mãe, ao tempo com 17 anos, era aluna do Curso de Piano do Conservatório Nacional de Lisboa.

Aos 10 anos, ficou órfão de pai, no mesmo ano em que morria também o avô com quem vivia, um dos “heróis da República” por ter comandado, como capitão, uma das forças que expulsou de Chaves, em 1912, Paiva Couceiro, com risco da própria vida, tendo sido então gravemente ferido por um tiro na cara.

A partir dos 15 dias de idade, em virtude de sua Mãe ter contraído tifo, passou a ser criado pelos avós maternos, com quem viveu até ao fim da adolescência. Sua avó cedeu-lhe então junto ao quarto, um escritório com a biblioteca do falecido marido, constituída por centenas de livros e revistas de História e de Literatura, a maioria do século XIX. Dessas solitárias leituras, nasceu-lhe o gosto pelo estudo dessas matérias, que manteve pela vida fora.

A numerosa família vivia no mesmo casarão, de quatro andares, e tomava as refeições em conjunto na ampla sala de jantar. Nos anos seguintes, morreram outros familiares e os bens existentes foram esbanjados. Assim, aos 16 anos viu-se obrigado a dar explicações e empregou-se, como dactilógrafo, num escritório da Baixa; aos 17 anos esteve, como assalariado, na 10.^a Repartição de Contabilidade do Ministério da Educação Nacional e com 18 anos, concorreu a 2.^o Escriurário da Contabilidade da Intendência Geral dos Abastecimentos onde chegou a 3.^o Oficial, cumprindo entretanto o serviço militar como Alferes de Infantaria. Entretanto, concluiu, o 7.^o Ano, no Liceu Camões onde, pela primeira vez, se distinguiu na disciplina de Literatura.

Depois de desistir de ingressar no Instituto Superior Técnico, a que se candidatara por influência de sua Mãe, que o queria engenheiro, matriculou-se no curso de Ciências Histórico-Filosóficas, da Faculdade de Letras de Lisboa, em 1942, com 19 anos.

Em anos letivos sucessivos, realizou, como aluno voluntário, algumas das disciplinas do curso. Entretanto, aos 23 anos, tomou como esposa senhora de nome Esmeralda, sua devotada companheira até ao fim da vida, tendo-lhe sobrevivido escassos quatro meses. A sua presença assídua ao lado do marido, sobretudo quando este mais precisava da sua ajuda e apoio, o carinho com que o acompanhava em todas as circunstâncias, como escavações arqueológicas, simples saídas de campo ou congressos em Portugal ou no Estrangeiro, disposta a sujeitar-se a todos os sacrifícios, deve ser recordada e enaltecida, como exemplo ímpar de dedicação conjugal.

Entre os 25 e os 27 anos, nasceram o seu filho, Manuel, cuja morte sentiu duramente e sua filha Margarida.

Ao mesmo tempo, tirara, como aluno voluntário, os cursos de Árabe e de Sânscrito no Instituto de Línguas Orientais da Escola Superior Colonial, convivia com poetas e artistas, decorava extensos trechos de *Os Lusíadas* e de outros poemas, actuava no Grupo Coral do Clube da Estefânia, e embrenhava-se no estudo das principais religiões, dos seus livros sagrados e rituais, numa actividade intensa e polifacetada, condizente com a sua sede de participar, de aprender e de saber, fascinado pela natureza humana e seus mistérios.

Ao serviço do Ministério do Ultramar, partiu para o Oriente em Agosto de 1954; cumprida a missão oficial no Estado Português da Índia, regressou a Lisboa em Outubro de 1956, enriquecido pelos contactos com outras gentes e a visita

a ruínas esquecidas de velhas civilizações, que lhe aguçaram a paixão pela Arqueologia.

Já com 34 anos, matriculou-se nas cadeiras que lhe faltavam na Faculdade e começou a pensar na dissertação de licenciatura, então obrigatória. Entre as múltiplas actividades que continuou a desenvolver, tornou-se leitor atento das obras de Leite de Vasconcelos e frequentador de um curso livre de Arqueologia, ministrado por Afonso do Paço, que viria a ser seu antecessor na Cadeira n.º 9 desta Academia, leccionado por aquele ilustre arqueólogo num 1.º Andar do Largo do Mítelo; resolveu-se, assim, a apresentar como prova final do Curso, uma dissertação em Arqueologia. Já então dispunha de dois ingredientes essenciais ao sucesso de qualquer empresa: a vontade de saber e a ânsia de realizar, atributos que viria a conservar pela vida fora.

Decidiu-se, para tal, a esperar um dia Manuel Heleno, à saída de uma aula e, informando-o do seu projecto, pediu-lhe para ser recebido, ao que aquele acedeu, depois de certa hesitação perante aluno que via pela primeira vez. Apesar do feitiço severo daquele Professor, no dia seguinte já estava instalado na Biblioteca do Museu Etnológico a consultar livros e, coisa rara, com autorização para examinar as vitrinas com espólios inéditos. Ao fim de alguns dias inteiramente dedicados à consulta de livros e observação de materiais arqueológicos, propôs ao Professor Heleno um estudo sobre as peças de *terra sigillata*, pertencentes às coleções daquele Museu. Este, que amiúde o observava, discretamente, quando atravessava a biblioteca para entrar no seu gabinete, aceitou tal temática, convidando-o, como o próprio declarou, com um sorriso que ainda não conhecia naquele semblante habitualmente distante, para almoçar. Ao longo de seis meses foi-se perfilando a dissertação que, graças à orientação de Manuel Heleno e à ajuda

gráfica de uma colaboradora do mesmo, Maria Graciana Dias Marques, hoje membro desta Academia, que então trabalhava ao lado do gabinete de Manuel Heleno no espólio de Leite de Vasconcellos, ficou concluída na data aprazada. Nessa altura, já se tinha radicado em Farinha dos Santos o valor pelas escavações metódicas, servindo-lhe a experiência adquirida nas explorações da Tróia de Setúbal, onde foi colaborador de Manuel Heleno, entre 1957 e 1963.

A partir de 1962, depois de tirar um curso de Espeleologia, no âmbito de Sociedade Portuguesa de Espeleologia, com Carl Harpsoe, então cônsul da Dinamarca em Portugal e o geólogo Jaime Martins Ferreira, explorou dezenas de grutas do maciço calcário estremenho, tendo, em muitas, reconhecido depósitos arqueológicos. Alguns desses resultados constam de relatórios inéditos entregues à Junta Nacional da Educação.

Entretanto, criara-se forte empatia entre o estudante e o Professor, mantida até ao fim da vida de Manuel Heleno. Fiel ao Amigo que o tinha ajudado, Farinha dos Santos traçou, sobriamente mas de forma límpida e objectiva, como era de seu timbre, o essencial da personalidade e actividade científica daquele Professor, em estudo bem documentado publicado por esta Academia, em 1987, salientando, corajosamente, os aspectos positivos da sua docência e investigação, quando era costume denegrir sistematicamente a sua obra, especialmente por parte de muitos sem autoridade moral para o fazer, como infelizmente é de norma. Para provar o desconhecimento por parte dos seus detractores e a falta de fundamento da maioria de tais críticas, bastaria referir a aquisição pelo Estado, através do Museu Nacional de Arqueologia, em 1998, por vários milhares de contos, dos seus cadernos de campo, repositório precioso de anos e anos de trabalhos de campo e de escavações arqueológicas.

*

Concluída a dissertação de Licenciatura, em julho de 1958, com a nota final de Bom (numa época em que as classificações de Bom eram raras, mormente as atribuídas pelo severo Professor Heleno), Manuel Farinha dos Santos foi por este convidado para segundo assistente da Faculdade de Letras de Lisboa, no ano letivo de 1959-1960. Iniciou-se, então, nova etapa da sua vida. Ciente de que o ensino da Arqueologia requeria uma forte e exigente componente prática, mandou fazer uma grande mesa circular, para as aulas práticas da disciplina de Pré-História, do novo curso de História e da de Arqueologia, da antiga reforma, ainda então vigente. Essa mesa ainda existe, no Museu Nacional de Arqueologia, então organismo anexo à Faculdade de Letras, onde as referidas aulas tinham lugar. No ano lectivo seguinte, assumiu a regência da disciplina de Pré-História, que manteve por sete anos, tendo, entretanto, acumulado em alguns anos com as de Antiguidade Oriental, Numismática e História da Arte, esta última depois da doença que atingiu o Prof. Mário Chicó.

Durante esse percurso como docente universitário, realizou no Museu Nacional de Arte Antiga o curso de Conservadores dos Museus Palácios e Monumentos Nacionais. Cabe aqui referir um episódio que lhe ouvi: no exame oral, para discussão do trabalho que submetera a apreciação, intitulado “O pintor Sousa Lopes”, o Prof. Manuel Heleno, conhecedor da personalidade forte do examinando, excedeu-se, deliberadamente, na forma do diálogo: isso provocou imediata reacção, de sinal contrário, por parte do examinando, manifestando-se este disposto a abandonar o exame. Quando tudo parecia perdido, aguardando-se, no exterior, o previsto veredicto negativo do júri presidido pelo Dr. João Couto, para surpresa de todos,

Farinha dos Santos foi distinguido com a mais alta classificação. Inquirindo depois o Professor Manuel Heleno sobre as razões de tão insólito desfecho, este respondeu-lhe que, conhecendo muito bem a sua frontalidade, decidiu espicaçá-lo para, deste modo, melhor sobressaírem as suas qualidades de rigor e a segurança dos conhecimentos. A classificação obtida, de dezoito valores, valeu-lhe ser nomeado depois professor daquele curso e, em 1968, Director do Panteão Nacional, cargo de que iniquamente foi afastado em 1975, para ser reintegrado com a mesma categoria em 1982, mas não ressarcido de todos os desgostos sofridos.

Entretanto, nos finais da década de 1970, despontavam as primeiras tentativas de ensino particular e cooperativo universitário. Não admira que o Prof. Doutor Joaquim Veríssimo Serrão o tenha convidado, para com ele erguer, na Universidade Livre, a Licenciatura em História, cujo primeiro ano de funcionamento remonta a 1977-1978. Ali regeu as disciplinas de Arqueologia, e de Epigrafia e Numismática Greco-Romanas. Houve oportunidade de trocar impressões com alunos seus, nesta fase de arranque do ensino particular universitário em Portugal. Todos salientaram a visão do Professor, que entendia a que a Arqueologia, para ser bem ensinada, deveria ser obrigatoriamente acompanhada de aulas práticas, de preferência no campo, que é onde tudo deve começar. As suas escavações eram, assim, um modelo de rigor, correspondente à aplicação da metodologia previamente transmitida aos seus alunos. Ensinava com benevolência e precisão, onde à serenidade se irmanava indisfarçável entusiasmo, mas era exigente, consciente de que só um bom ensino poderia formar profissionais competentes. Ao contrário de muitos outros arqueólogos, não temia que os seus alunos procurassem outros colegas para, em trabalhos de campo mais ou menos prolongados, aperfeiçoarem os conhe-

cimentos: incentivava mesmo essa procura, como testemunhei pessoalmente, em anos sucessivos, em escavações por mim orientadas.

Em 1986 tornou-se cooperador-fundador da Universidade Autónoma de Lisboa, tendo leccionado até ao ano lectivo transacto a disciplina de Pré-História e, até ao seu falecimento, o Seminário de Arqueologia. Ali desempenhou, sucessivamente, as funções de Assistente, de Professor Extraordinário e de Professor Catedrático Convidado. A investigação, que sabia dever acompanhar de perto o ensino, tanto da parte dos docentes como dos discentes, promovendo nestes a curiosidade e o desenvolvimento de iniciativas susceptíveis de fazerem despontar os mais capazes, levou-o à criação do Centro de Estudos Arqueológicos da Universidade Autónoma de Lisboa, de que foi o primeiro Diretor, ao abrigo do qual muitos trabalhos de campo se fizeram. A excelência do seu labor, inclusive em tarefas administrativas a que os docentes se vêm obrigados a aceitar, justificou público louvor, do então Diretor do Departamento de Ciências Humanas, Prof. Doutor Armando Luís de Carvalho Homem, do seguinte teor:

“Tendo cessado funções no passado dia 24, como Subdiretor do Departamento de Ciências Humanas para o Curso de História, o Prof. Dr. Manuel Farinha dos Santos, hei por bem louvá-lo publicamente, destacando a extrema dedicação e empenho com que, ao longo de cerca de 4 anos, exerceu os cargos de Vogal do Departamento de História (1991-1992) e Subdiretor do Departamento de Ciências Humanas para o Curso de História (1993-1995). Lisboa, 26 de Julho de 1996”.

Verdadeira figura de referência, por quem os alunos sentiam verdadeira admiração como tive por várias vezes oportunidade de presenciar, e de quem sempre recebiam palavras

de estímulo, despertava vocações, sempre com o espírito atento e disponível, concedendo apoio objetivo a todos os que o procuravam para progredirem nos seus trabalhos: a sua biblioteca pessoal encontrava-se sempre franqueada a quem dela tivesse necessidade. A sua ação prestigiou o ensino da Arqueologia em Portugal, que o mesmo é dizer, a Universidade Autónoma de Lisboa.

Estas qualidades, que distinguem o simples professor, enquanto mero agente transmissor de conhecimentos, do Mestre prestigiado criador de Escola, justificou a homenagem de que foi alvo, por parte da Universidade que serviu, a 28 de maio de 1998. Repleto o auditório do pólo da Boavista, a saudação esteve a cargo do Reitor, Prof. Doutor Justino Mendes de Almeida que, significativamente, a intitolou “Manuel Farinha dos Santos: uma vida consagrada à Arqueologia (40 anos de atividade cultural)”. Nesta cerimónia, o papel de sua esposa, foi convenientemente salientado; a sua inquebrantável dedicação, repita-se, mesmo nas horas amargas, quando a injustiça se abateu sobre Farinha dos Santos, constituiu o seu principal sustentáculo anímico, e explica, em grande parte, a grandeza da obra e a simplicidade do homem.

*

Com o surto de desenvolvimento tecnológico e industrial que o País conheceu nos inícios da década de 1970, a sua visão dos acontecimentos, servida por um espírito objectivo e sempre atento, manifestou-se de forma inovadora e, como sempre, com resultados práticos. Refiro-me à criação do Grupo de Trabalhos de Arqueologia do Gabinete da Área de Sines, em junho de 1972. É escusado salientar o pioneirismo desta iniciativa, a primeira que, com bases sólidas e alicerçada institucionalmente,

se organizou a nível nacional, com o objetivo de estudar, valorizar e divulgar o património arqueológico de uma vasta área, interessada pela construção do gigantesco complexo urbano-industrial e portuário de Sines e respetivas vias de acesso. Foi então organizado um ambicioso programa de trabalhos, que passaram pela prospeção de campo, pela escavação das estações mais importantes e, enfim pela valorização e publicação das mesmas.

Hoje, quando a chamada “Arqueologia de Salvamento, ou Empresarial” e os estudos de impactes ambientais estão na ordem do dia, incluindo a componente arqueológica, não será de mais salientar o esforço solitário de há precisamente trinta anos: já então o Professor Farinha dos Santos tinha posto em prática idêntica tarefa, que hoje se nos afigura desmesurada para tão limitados recursos, mas cujo êxito se encontra plenamente demonstrado pelos resultados do trabalho desde então desenvolvido, por si e depois pelos seus valiosos colaboradores, os Drs. Carlos Tavares da Silva e Joaquina Soares que continuam a trabalhar na região: é caso para dizer que a semente então lançada à terra germinou e multiplicou-se, sob a forma de dezenas de publicações, da mais alta valia científica, para além de outras consequências, de ordem imaterial, difíceis de contabilizar.

Durante dez anos, de 1964 a 1974, foi vogal da subsecção de Arqueologia da Junta Nacional da Educação, órgão consultivo do Ministério da Educação Nacional a quem competia emitir pareceres sobre a atividade arqueológica. Os numerosos pareceres por si apresentados, sempre gratuitamente, mostram bem a ponderação e equilíbrio com que eram elaborados, com a preocupação primordial da defesa do nosso rico património arqueológico, que o aludido surto de desenvolvimento punha cada vez mais em causa.

A salvaguarda desse rico manancial, ainda quase totalmente por estudar, sabia que só ~~se~~ poderia ser assegurada com base na instrução generalizada de todas as classes sociais, a quem deveria chegar informação acessível, mas carregada de forma exata e rigorosa. Assim se explica as dezenas de palestras sobre Arqueologia que proferiu aos microfones da Emissora Nacional e, mais tarde, sob a forma de entrevistas na Televisão, as múltiplas conferências e palestras que apresentou por todo o País, sempre que era para tal convidado, numa tão notável quanto desinteressada atividade de extensão cultural e, sobretudo, a direção das coleções da Editorial Verbo “Historia Mundi” e “Biblioteca das Civilizações Primitivas”, no âmbito das quais saíram, respetivamente, 40 e 14 volumes. Este esforço extraordinário de fazer chegar a preços acessíveis e à generalidade de uma população cada vez mais interessada em conhecer as suas próprias raízes, que o mesmo é dizer, as origens e desenvolvimento da Humanidade, beneficiou muitos e muitos daqueles que, hoje, fazem da Arqueologia a sua atividade de todos os dias ou, simplesmente a consideram como uma das suas áreas de interesse geral. Verdadeiramente de iniciação foi o livro, por si especialmente escrito para a segunda daquelas coleções, intitulado “Pré-História de Portugal”, com três edições (1972, 1974 e 1985). Este livro marcou uma época. Ali se revelou, para muitos, pela primeira vez, como foi o meu caso, ainda aluno do 5.º Ano do Liceu Normal de Pedro Nunes, o portentoso passado pré-histórico de Portugal. Elaborado com os objetivos já aludidos, servido por escrita tão despretensiosa quanto cuidada e acessível, constituiu contributo inestimável cujas consequências para o conhecimento e defesa do nosso património, pelas vontades e interesses que conseguiu mobilizar por todo o País, a começar pelos investigadores locais, são hoje difíceis de contabilizar.

Nessa linha de preocupações pela formação de todos, mais ou menos jovens, se inscreve a lecionação, entre 1966 e 1972, de diversos cursos livres de Iniciação à Arqueologia, nos quais tive, em 1972, o privilégio de escutar, pela primeira vez. Tais cursos eram ministrados no Centro Piloto de Arqueologia do Secretariado para a Juventude do Ministério da Educação Nacional, instalado então no rés-do-chão deste mesmo palácio onde nos encontramos. Foi ainda com esse objetivo, que abraçou entusiasticamente o projeto dirigido pelo Prof. Doutor Joaquim Veríssimo Serrão, dos Cursos Livres de Santarém, nos alvares da década de 1980, nos quais regeu, aos sábados, as disciplinas “Iniciação à Arqueologia do Ribatejo”, “Iniciação à Arqueologia da Península Ibérica” e “Arqueologia Romana em Portugal”, abertos a todos os que pretendiam aumentar e melhorar os seus conhecimentos no domínio da História de Portugal.

Mais tarde, na Universidade Autónoma de Lisboa, promoveu o Curso de especialização em Arqueologia, com duas edições, em 1990-1991 e 1991-1992, a que se seguiu, mais tarde outra iniciativa congénere, os Cursos Livres “Arqueologia da Estremadura”, em 1997-1998, e de “Arqueologia de Portugal”, com duas edições (1998-1999 e 1999-2000), sempre com o propósito de fazer chegar a todos os interessados – e muitos foram – uma informação atualizada sobre o muito que, em Portugal, se ia fazendo no domínio em apreço. Em todos eles tive o privilégio de colaborar, testemunhando o raro apreço e carinho que todos os estudantes dedicavam ao Mestre, independentemente da sua idade, habilitações académicas ou estatuto social.

As qualidades pessoais e de trabalho de Farinha dos Santos foram desde cedo reconhecida além fronteiras. A convite do

Prof. Martín Almagro Basch, proferiu duas conferências na Universidade Complutense de Madrid e uma outra no CSIC.

Mercê das relações de amizade estabelecidas com os mais eminentes arqueólogos do País vizinho, entre os quais o Prof. Francisco Jordá-Cerdá, Catedrático de Arqueologia de Salamanca, soube reverter tal situação a favor de terceiros, com a viabilização do doutoramento em Arqueologia, naquela Universidade, de diversos discípulos seus, para além de outros benefícios, que ainda hoje se fazem sentir na sua Universidade, como a recente criação dos cursos de Mestrado e de Doutoramento em Arqueologia, em parceria com aquela prestigiada Universidade espanhola.

É também digno de destaque o seu labor na Associação dos Arqueólogos Portugueses, onde ingressou como sócio efetivo da secção de Pré-História em 1967. Ali desenvolveu intensa atividade, tanto de carácter científico, consubstanciada nas comunicações publicadas no órgão da Associação, a revista "Arqueologia e História", como associativo. Em julho de 1969, foi eleito em uma direção presidida pelo Prof. Doutor Fernando de Almeida e da qual faziam parte o Dr. Alberto Iria, o Doutor O. da Veiga Ferreira e o Dr. José Timóteo Montalvão Machado. Essa direção foi reeleita, exceção feita a Veiga Ferreira, em 1972; durante os seis anos que participou dos destinos da centenária Associação, foram apresentados trabalhos da mais alta valia, todos regularmente publicados. Mas onde a sua atividade mais se distinguiu, foi na Secção de Pré-História. Em 25 de novembro de 1969, foi eleito seu Presidente, para o mandato de 1969-1972. Logo se fez sentir o seu dinamismo, pois no decurso do ano associativo de 1970 todos os meses, de janeiro a junho, se apresentaram comunicações, todas de elevado interesse, e organizou-se um Colóquio, em maio, dedicado à problemática da terminologia arqueológica. A pujança desta Secção aumentou

no ano seguinte, conforme se deduz do circunstanciado relatório de sua autoria, publicado em 1971: de outubro de 1970 a Junho de 1971, todos os meses foram preenchidos por comunicações de sócios, a maioria delas publicadas nas páginas da revista já mencionada; ao mesmo tempo, houve a preocupação de fazer ecoar tais reuniões nos órgãos de comunicação social da época: o *Diário de Notícias*, *República*, *A Capital*, *Primeiro de Janeiro*, *O Século*, *A Voz*, *Diário da Manhã*, *Jornal de Notícias*, *Diário de Lisboa*, *Novidades*, *Época*, *O Comércio do Porto*, *Jornal do Comércio*, e outros, noticiaram regularmente as sessões, como se refere no Relatório desse ano, levando o nome da Associação ao conhecimento do grande público. E o mesmo se verificou no ano associativo seguinte (1971-1972). Não espanta, assim, que Manuel Farinha dos Santos tenha sido reeleito como Presidente da Secção de Pré-História para novo mandato, na Assembleia Geral de 3 de Novembro de 1972, que deveria terminar em Novembro de 1975. Porém, apenas até 1974 a secção funcionou com dinamismo e regularidade. O último volume da IX Série da referida Revista, respeitante a 1973, foi impresso em Agosto de 1974; o seguinte, só veria a luz do dia em ... 1990! Felizmente, só em época recente tal tendência se conseguiu contrariar: daqui endereço os meus votos para que a atual Direção prossiga no caminho traçado de há muito pelo nosso homenageado de hoje.

Entretanto, Farinha dos Santos assumiu a direção do Museu da Associação, em Fevereiro de 1971, tendo-se, de imediato, ocupado das tarefas consideradas mais urgentes, a saber: a inventariação da coleção de numismática e o restauro da preciosa coleção de estatuetas pré-colombianas, oferecidas pelo Conde de São Januário, em finais do século XIX, e que veio encontrar embrulhadas em jornais. Foi, ainda, Secretário-Geral das II Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos

Portugueses, que decorreram de 13 a 15 de outubro de 1972, cujas actas foram prontamente publicadas, em 1973 e 1974, ainda sob sua orientação.

Há realmente pessoas que, pela sua atividade, esforçada, empenhada e desinteressada em prol de uma causa comum, se tornam, em determinadas épocas, indispensáveis à vida normal de muitas instituições, em especial das que perseguem fins puramente científicos. Por mais de uma vez lhe ouvi referir os esforços incríveis que possibilitaram o quase milagre da edição regular da Revista, viabilizada por subsídios que, pessoalmente, Farinha dos Santos ia solicitando às entidades competentes, com destaque para a Câmara Municipal de Lisboa. Claro está que esta fase brilhante da vida associativa impunha, a todos, dedicação, disciplina e esforço desinteressados, nunca regateados pelo próprio, mas nem sempre aceites ou compreendidos: num momento em que o materialismo exacerbado domina os interesses dos homens, mesmo na actividade científica, de onde aquele deveria estar mais arredado, é de destacar o exemplo de Farinha dos Santos: assim ele fique, aqui e agora, devidamente registado.

*

Manuel Farinha dos Santos foi recebido na Academia Portuguesa da História em 23 de janeiro de 1970, como Académico Correspondente, tendo sido elevado a Académico de Número em 18 de abril de 1980, por eleição. Entre 21 de maio de 1971, e 17 de março de 1999, apresentou dezanove comunicações, das quais foram publicadas sete.

A assiduidade da sua presença, bem expressiva é da devoção que consagrava à Instituição; não se inscrevia, felizmente, no grupo daqueles que gostam, sobretudo, de se ouvir falar, mais do que ouvir falar os outros. As suas comunicações

denunciavam atualização do próprio nos progressos científicos verificados nas respetivas matérias, exemplarmente expressa na comunicação de 9 de abril de 1997 intitulada “Principais acontecimentos e descobertas na Arqueologia Pré-Histórica em Portugal na década de noventa”. Da mesma forma, intervinha regularmente nos debates, sempre com a objectividade de todos conhecida, indo diretamente ao essencial da questão, quando entendia dever objetar, retificar ou pedir esclarecimentos, não se limitando às palavras de circunstância que alguns julgam serem as únicas ouvidas nas Academias, designadamente os que a elas não pertencem.

Tais circunstâncias levaram a que, por falecimento do Prof. Doutor Fernando de Almeida, ocorrido a 29 de janeiro de 1979, o Conselho Académico propusesse que a cadeira n.º 9, fosse ocupada por Manuel Farinha dos Santos, pelo seu mérito próprio, pelas múltiplas provas dadas de interesse pela vida académica, bem como pela garantia de que a obra científica do antecessor teria o Elogio Histórico merecido, dadas as relações de franca colaboração e estreita amizade de há muito existentes entre ambos. Tal viria a verificar-se a 18 de abril de 1980. Logo no ano seguinte, a 20 de fevereiro de 1981, foi eleito Secretário-geral, cargo que desempenhou no triénio de duração do mandato, de forma exemplar e dedicada, sendo o Conselho Académico presidido pelo Prof. Doutor Joaquim Veríssimo Serrão, tendo por Vice-Presidentes o Dr. Alberto Iria e o Prof. Banha de Andrade e, como vogais, os Drs. José Timóteo Montalvão Machado e Vítor Braga Paixão.

Retomando a sua condição de Académico de Número, continuou a participar ativamente na vida da Academia. Por ocasião das comemorações do cinquentenário da restauração da Academia Real da História Portuguesa, apresentou, em 24 de outubro de 1986, a comunicação “Os estudos de Pré-História

e Arqueologia na Academia Portuguesa da História”, numa sessão evocativa dos arqueólogos que foram Vice-Presidentes da Academia ou seus Membros, a qual viria ulteriormente a ser publicada, em 1987, nos respetivos Anais. No ano seguinte, representou oficialmente a Instituição, no Simpósio “Bronze Final na Beira Interior”, realizado por iniciativa da Câmara Municipal de Mação. Nesse mesmo ano, sujeitou-se a uma melindrosa operação cirúrgica, cujas probabilidades de sucesso eram baixas. Felizmente, conseguiu vencer o mal, mas jamais recuperou a robustez física de que anteriormente gozava. Tal facto impediu-o de entregar para publicação uma das mais importantes comunicações por si apresentadas à Academia, em 1985, dedicada aos resultados das escavações por si dirigidas na estação mesolítica da Fonte da Moça, Almeirim. Mais tarde, a 16 de fevereiro de 1990, já em parte restabelecido, foi-lhe endereçado convite pelo presidente da Academia, para proferir a saudação ao Académico espanhol José Carro Otero, Catedrático da Universidade de Santiago de Compostela, que cumpriu com a sua usual sobriedade. Como preito de gratidão para com o seu Mestre, o Prof. Manuel Heleno, apresentou em 1994 a sua evocação, por ocasião do centenário do seu nascimento; fiel e grato aos seus Amigos, colaborou nos volumes de Homenagem dedicados aos Profs. Doutores Joaquim Veríssimo Serrão e Justino Mendes de Almeida, ambos saídos do prelo em 1999, com estudos em que tive a honra de com ele partilhar a autoria. Foram estes os derradeiros trabalhos que publicou na Academia. Mas o labor aqui desenvolvido, se bem que intenso, foi apenas uma parte da sua prodigiosa atividade, impossível de ser adequadamente caracterizada nesta curta evocação, tal o volume e a diversidade da obra publicada.

*

A atividade científica de Manuel Farinha dos Santos ascende a 150 trabalhos, redigidos ou publicados entre 1958 e 1999.

É lugar comum dizer que o bom Professor, para o ser, tem forçosamente de desenvolver investigação pessoal nas matérias por si lecionadas, às quais se deve dedicar em exclusividade. Esta evidência encontra-se plenamente confirmada no caso em apreço.

Sem dúvida que onde Farinha dos Santos mais se notabilizou foi no difícil domínio da arte pré-histórica, pelo qual sentia verdadeiro fascínio. Ali, aspectos recônditos da mente humana primitiva, expressavam-se em figuras mais ou menos naturalistas ou simbólicas, dando lugar à pura interpretação cognitiva de dados arqueológicos que, melhor do que quaisquer outros, eram o reflexo direto da humanidade e da sua dura luta pela sobrevivência, dos seus dramas, anseios, crenças, temores e tradições, no seio de uma Natureza quantas vezes hostil, regida por forças desconhecidas, das quais dependia em absoluto.

Não espanta, pois, que tenha sido a gruta do Escoural, no concelho de Montemor-o-Novo, a estação arqueológica a que se dedicou com mais afinco, celebrizando-a internacionalmente: ainda hoje constitui a única gruta do ocidente peninsular com manifestações artísticas do Paleolítico Superior, entre as quais se podem observar silhuetas de cavalos, representações de touros selvagens, símbolos abstratos, figuras híbridas, todas de evidente simbolismo. Limito-me, para não alongar demasiadamente esta resenha, a evocar uma bem conhecida cena, gravada a traço contínuo na parede da gruta, representando a “maternidade”, em que de uma corça, representada pela cabeça e tronco longilíneo, parece desprender-se uma cria, de muito menores proporções. Pintadas e gravadas nas paredes rochosas da cavi-

dade, deve-se a Manuel Farinha dos Santos o mérito de ter estudado e publicado tais representações, em Portugal e depois, em França, recorrendo à colaboração do malogrado Padre Glory.

É de forma emotiva que o próprio nos descreve, em 1964, as condições da descoberta:

“No fim da tarde de 17 de Abril de 1963, os operários que trabalhavam na pedreira da herdade da Sala [...], ao desprender um bloco de mármore com um tiro de pólvora, viram abrir-se um buraco onde se podia introduzir, com facilidade, um homem. [...]. Um desses operários, de nome Valentim Domingos Fernandes, penetrou na cavidade servindo-se de fósforos como meio de iluminação e descendo a rampa ali existente chegou a uma grande sala em cuja superfície viu crânios, ossos longos e vasos. Surpreendido e momentaneamente atemorizado, voltou ao exterior e contou aos seus camaradas o que observara.

Estava descoberta a gruta do Escoural!”

A importância científica da gruta resumia-se, de início, à existência de uma vasta necrópole que, no Neolítico, se instalou em uma grande sala, denunciada à superfície pelos referidos despojos humanos e materiais arqueológicos. Impondo-se, de imediato, a tomada urgente de providências, Farinha dos Santos, com o apoio de Manuel Heleno, iniciou os trabalhos preliminares, que se prolongaram ininterruptamente, de 28 de abril a 11 de setembro de 1963. A partir de 12 de setembro, concluídos os levantamentos das galerias conhecidas, deu-se início à escavação propriamente dita. Entretanto, os traços muito sumidos, a vermelho e negro, observados nalguns locais da gruta, despertavam o interesse de muitos arqueólogos que visitavam o local, sem saberem interpretá-los; foi só a 10 de outubro que Farinha dos Santos, resolvendo suspender da parte da manhã a escavação em curso, voltou a examinar os traços conhecidos, lembrando-se de os avivar, borrifando-os com

água: nova e emocionante descoberta se lhe deparou, segundo palavras do próprio:

“Ao salpicar um conjunto de traços sumidos, de interpretação duvidosa e já observados muitas vezes, apareceu, com toda a nitidez, uma espantosa figura híbrida e itifálica, como que a anunciar, por recursos de magia, uma arte paleolítica que durante cerca de seis meses se recusara a mostrar-se [...]”.

Pela sua relevância científica e patrimonial, foi a gruta do Escoural classificada como Monumento Nacional, pelo decreto 45 327, de 25 de outubro de 1963 firmado pelo Ministro da Educação, que assim serviu os superiores interesses da Ciência. Hoje em dia, quanto tanto se fala – e bem – da defesa e salvaguarda do Património, a celeridade do processo de classificação do Escoural, ficará como paradigma da defesa eficaz e conseqüente do nosso Património Arqueológico e exemplo que convinha mais vezes ver seguido.

Nas décadas seguintes, as investigações prosseguiram na gruta vindo a descobrir-se mais gravuras rupestres, cujo levantamento exaustivo ficou, porém, por concluir, e estenderam-se ao outeiro adjacente, no qual se identificou um importante povoado fortificado calcolítico, bem como um santuário rupestre do final do Neolítico, abandonado aquando da instalação do povoado pré-histórico. De tais descobertas, nos dão conta importantes estudos, publicados no país vizinho, em que colaboraram Jorge de Pinho Monteiro, prematuramente falecido, Rosa e Mário Varela Gomes. A necrópole neolítica, cuidadosamente levantada por Farinha dos Santos, e primorosamente desenhada, sob sua orientação, por técnico posto à sua disposição por Manuel Heleno, não teve, porém, a mesma sorte: impedido, circunstancialmente, por razões de saúde, de elaborar a sua sonhada e jamais esquecida monografia, os referidos originais, guar-

dados no Museu Nacional de Arqueologia, acabaram por ser aproveitados por terceiros ... sem que, sequer, o seu nome fosse referido no sítio próprio. Farinha dos Santos, por saber de experiência feita, conhecedor das grandezas e misérias do género humano, suportou mais este episódio em silêncio, senão mesmo com genuíno desprendimento. Nesta, como em outras situações, afirmou-se o seu carácter superior e sereno, certo de que o juízo da História, acabará por ser inexoravelmente feito.

Farinha dos Santos dedicou apenas duas notas à ocupação neolítica da gruta do Escoural, ambas publicadas nas *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*, reunido em Coimbra, em 1970, além de entrada publicada em *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, em 1968. Uma delas é particularmente importante, por documentar a presença, em pleno interior alto-alentejano, de fragmentos de cerâmicas decoradas pela impressão da concha do então designado *Cardium edule* (o vulgar berbigão) e por isso chamadas de cerâmicas cardiais, dos primórdios do Neolítico Antigo, remontando à segunda metade do VI milénio a.C. quando, até então, se julgava que tais materiais se confinavam à orla costeira. Deste modo, tais achados vinham abrir novas perspectivas sobre os mecanismos que presidiram à neolitização da parte meridional do território português, designadamente a existência de uma via de difusão interior, oriunda da alta Andaluzia/Extremadura espanhola, a qual só muito recentemente voltou a ser reequacionada, mercê da descoberta e estudo do povoado aberto do Neolítico Antigo de Valada do Mato, no concelho de Évora, por Mariana Diniz.

Outro aspeto importante da gruta do Escoural, e que não passou despercebido a Farinha dos Santos, infelizmente reduzido a curta referência em comunicação apresentada ao *XVII Congreso Nacional de Arqueología*, reunido em Zaragoza em 1985, foi a identificação de materiais mustierenses,

recolhidos *in situ*, na brecha da base do enchimento, pois até época recente afigurava-se muito difícil reconhecer a intencionalidade do talhe em tal tipo de materiais; uma vez mais, impôs-se o seu espírito analítico e objetivo.

A arte rupestre tinha-o definitivamente seduzido; até ao fim, ocupou lugar primordial entre os seus interesses científicos, publicando, entre outros, sozinho ou em coautoria, notícia sobre a estação de arte rupestre de Fratel, sobre o Tejo, na prestigiada revista *Antiquity*, em 1973; os podomorfos de Peroliva, do concelho de Reguengos de Monsaraz, em comunicação apresentada ao *I Congresso Internacional de Arte Rupestre*, reunido em Caspe, Zaragoza, publicado em 1986-1987; a Fraga das Passadas, do concelho de Valpaços, na revista *Zephyrus*, da Universidade de Salamanca, em 1994 e, finalmente, em 1996-1997, nos *Anais* da Universidade Autónoma de Lisboa, o estudo “Gravuras rupestres do distrito de Bragança: elementos para a sua localização e estudo”, precioso repositório de informações que, cedo ou tarde, aproveitará a alguém.

Neste âmbito, merece destaque a extensa entrada publicada na *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, em 1980, de nove páginas, dedicada à “Arte rupestre em Portugal”, para além de muitas outras, sobre os principais sítios europeus com arte parietal paleolítica, de que se tornou aplicado cultor. Mas era a sua querida gruta do Escoural que voltava, sempre, às suas preocupações: daí a justa homenagem que o distinguiu, em Outubro de 1988, com a realização de um Colóquio Internacional comemorativo dos 25 anos da descoberta da gruta do Escoural, organizado pela Câmara Municipal de Montemor-o-Novo, cujas actas se publicaram dois anos volvidos.

Nesta rápida peregrinação pelos temas científicos que mais queridos foram a Farinha dos Santos, não podia deixar de referir os importantes estudos sobre o Mesolítico, depois de

ter acompanhado o Prof. Manuel Heleno nas escavações por ele efetuadas nos concheiros do vale do Sado. Ali descobriu e publicou novos concheiros mesolíticos, o do Barranco da Moura e o de Fonte da Mina. E, na qualidade de Conservador-adjunto do Museu Nacional de Arqueologia, lugar desempenhado a título gratuito, a convite do Prof. Doutor Fernando de Almeida quando este assumiu a direção do mesmo, teve acesso aos espólios e levantamentos de campo das escavações efetuadas em estações congêneres do vale do Sado. Do labor então desenvolvido, resultaram estudos valiosos, em coautoria com C. Tavares da Silva e J. Soares, sobre os concheiros do Cabeço do Pez e da Barrada do Grilo.

Outra área de interesse do Professor Farinha dos Santos foi a do megalitismo. Em particular, os monumentos do verdadeiro "Paraíso megalítico" de Monsaraz, na expressiva designação do nosso saudoso confrade José Pires Gonçalves, deslumbra-ram-no, pelas relações patentes em alguns deles com a arte pré-histórica.

Compreende-se o fascínio de Farinha dos Santos pela grandiosidade daqueles vastos espaços abertos, pontuados por enormes pedras que, erguidas do chão, pareciam querer despertar, pela mão dos arqueólogos, de um sono várias vezes milenário. É de sua autoria um belo artigo de síntese, publicado no número de abril de 1974 da Revista francesa *Les Dossiers de l'Archéologie*, inteiramente dedicado a Portugal, intitulado "Dolmens et Menhirs de l'Alentejo", a que se seguiu outro, em coautoria com Pires Gonçalves, "Menhirs et cromlechs de l'Alentejo" apresentado ao *IX Congresso da União Internacional das Ciências Pré-Históricas e Proto-Históricas*, reunido em Nice em Setembro de 1976. Com este seu Amigo e confrade, publicou ainda "O polidor rupestre num. 1 da Herdade da Capela (Reguengos de Monsaraz - Portugal)",

peça raríssima, senão única, da pré-história portuguesa: trata-se de um pequeno afloramento granítico de grão muito fino, com numerosas depressões em cuvetas oblongas, resultantes do afeiçoamento de artefactos de pedra polida, dado a conhecer no *XV Congresso Nacional de Arqueologia*, cujas actas se publicaram em 1979.

A Idade do Cobre também o interessou, tendo codirigido escavações, nos inícios da década de 1980, com alunos seus, num sector do povoado fortificado do Escoural, coroando o outeiro onde se abre a gruta já mencionada. Ainda no Escoural, escavou um monumento funerário coletivo de falsa cúpula, repleto de materiais arqueológicos intactos, com destaque para a riquíssima colecção de placas de xisto decoradas, talvez construído e utilizado pelos habitantes do povoado, publicando-o com O. da Veiga Ferreira, nas páginas de *O Arqueólogo Português*, em 1969. Aliás, a colaboração científica com este eminente arqueólogo fora expressa, pela mesma altura, nas duas campanhas de escavações realizadas em 1968 e 1969 na Lapa da Rainha, no Vimeiro, com ocupação humana do Paleolítico Superior e abundantes faunas quaternárias, em comunicação apresentada às I Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses, cujas actas se publicaram em 1970.

A Idade do Bronze e, em particular, o chamado Bronze do Sudoeste, ou Bronze Meridional Português, na expressão acertada de Fernando Nunes Ribeiro, deve-lhe importantes contributos; destaca-se a publicação, em 1972 e em 1974, da necrópole da Provença, Sines, com C. Tavares da Silva e J. Soares, cuja descoberta e escavação integral – estendida à vizinha necrópole da Quitéria, do mesmo tipo e época – é facto excecional, no contexto da Arqueologia portuguesa, e por isso mesmo digno de ser devidamente registado e salientado. Outro contributo neste âmbito, foi a publicação de uma tampa sepul-

cral insculturada do Bronze do Sudoeste, recolhida em Castro Verde, e guardada no Museu Nacional de Arqueologia.

A Idade do Ferro foi igualmente contemplada nas suas preocupações. É o caso da comunicação apresentada a 19.02.1982 à Academia, intitulada “A inscrição indígena da Cerca do Curralão (Almodôvar) e seu enquadramento num *corpus* do SO peninsular”, tendo então apresentado a distribuição geográfica das ocorrências conhecidas, sua possível cronologia e tipologia, sublinhando a necessidade de uma cooperação interdisciplinar entre arqueólogos e filólogos, com o propósito de alcançar a desejada decifração, ainda não conseguida: o nosso malogrado confrade Coronel Aboim Sande Lemos, chegou a confidenciar-me que considerava este tema não resolvido como verdadeiro desígnio nacional da nossa investigação histórica: e é-o, de facto!

Digno de destaque é também o estudo sobre as fíbulas recolhidas no castro da Cabeça de Vaiamonte, perto de Monforte, povoado fortificado cuja ocupação da Idade do Ferro abrange talvez quase todo o I milénio a.C., até à época romana republicana. Objeto de extensas escavações ordenadas por Manuel Heleno, entre 1951 e 1964, a quem não passou despercebida a importância ímpar do sítio, do seu opulento espólio destaca-se o conjunto estudado por Manuel Farinha dos Santos, constituído por mais de duas centenas de fíbulas, que subdividiu em seis grupos principais. Foi publicado nos *Anais*, em 1973, primorosamente ilustrado por 26 estampas com desenhos das principais peças, da nossa académica Maria Graciana Dias Marques. Bastaria este trabalho para confirmar a ímpar capacidade analítica do seu autor, servida por um espírito crítico indispensável a quem se abalança a estudos de carácter tipológico especializado.

A Numismática foi ainda outro dos seus campos maiores de investigação. O acima referido *oppidum* serviu-lhe de ponto de partida para sucessão de artigos que, sozinho ou em colaboração, dedicou à numária dos primeiros tempos da dominação romana da Península Ibérica:

“Moedas hispânicas recolhidas na Cabeça de Vaiamonte” (1972), também publicado nos Anais desta Academia;

“Moedas hispânicas do povoado do Pedrão (Setúbal)” (1973), em colaboração com C. Tavares da Silva e J. Soares. Trata-se de um dos primeiros estudos publicados sobre numária hispânica em que os respetivos materiais são integrados no contexto arqueológico do qual faziam parte integrante, valorizando deste modo as conclusões respetivas. A prática, infelizmente tão frequente entre nós, devido em parte à praga dos pesquisadores de tesouros, é a de se omitirem, ou mistificarem, por razões óbvias, os locais e as condições dos achados, inutilizando, deste modo, o valor científico dos numismas enquanto documentos históricos e não apenas como meras peças de colecionismo;

“Moedas com inscrições púnicas de quatro oficinas hispânicas do litoral, pertencentes à coleção do Museu de Évora” (1977), publicado nas Actas do *XIV Congreso Nacional de Arqueología*, de colaboração com Maria Graciana Dias Marques. Este artigo inaugura a série, ainda hoje em curso de publicação pela sua distinta e dedicada colaboradora, sobre a coleção reunida por D. Frei Manuel do Cenáculo, e ainda hoje guardada na cidade de que foi arcebispo. No referido trabalho, reconheceu numismas de Abdera, Gades, Malaca e Sexsi, tendo ainda o mérito de apresentar a inventariação das 513 moedas hispânicas que constituem a referida coleção, distribuídas por 79 oficinas monetárias.

No seguimento desta linha de investigação, e de novo nos Anais da Academia, publicou, em 1979, “A oficina monetária lusitano-romana de Mérida e sua representação no Museu de Évora”, identificando 56 exemplares, cuidadosamente descritos, classificados e primorosamente desenhados, concluindo assim: “Um melhor conhecimento da circulação monetária na Península Ibérica, durante a Antiguidade, além de, por vezes, enriquecer a problemática cronológica, ajuda a compreender certos aspectos da vida económica e social das populações que habitaram a Hispânia desde os últimos séculos da Idade do Ferro até aos alvares do período medieval”.

Estes artigos, que tiveram continuidade pelo labor da sua já referida colaboradora, a quem generosamente, como aliás era seu timbre, Farinha dos Santos deu apoio e estímulo para continuar, foram coroados pela excelente síntese, de 1980, publicada na *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* intitulada “Numismática em Portugal”, que preenche sete densas páginas desta obra de referência. Enfim, em 1982 publicou, em sucessivos números da revista *Filatelia e Numismática*, o último desta série de estudos, “Algumas oficinas monetárias hispânicas representadas no Museu de Évora”. No conjunto, constituem um dos mais notáveis contributos sobre numismática antiga peninsular, de todos os até ao presente publicados em Portugal, bastantes para notabilizar Farinha dos Santos neste tão difícil domínio, sobretudo quando este é tratado com espírito científico, a única maneira, aliás, suscetível de merecer aceitação.

O período mais recente que o interessou foi, curiosamente, o primeiro a que, como arqueólogo, se dedicou: trata-se da dissertação de licenciatura, magnífico estudo das peças de *terra sigillata* conservadas no Museu Nacional de Arqueologia. Simplesmente, como era seu timbre, intitulou tal obra “Contribuição para um melhor conhecimento da *terra*

sigillata encontrada em Portugal. Caso esta obra tivesse sido na altura publicada – ela ainda hoje é de leitura proveitosa – certamente os conhecimentos sobre o assunto teriam progredido muito mais rapidamente, refletindo-se os seus efeitos ainda na atualidade; mas tal não aconteceu, para prejuízo dos estudos de Arqueologia Clássica em Portugal. Vale a pena reler os três primeiros parágrafos da introdução, qual declaração de uma profissão de fé que estava destinado a brilhantemente cumprir:

“Quando em Agosto de 1954 parti para o Oriente, levei na bagagem alguns livros de Arqueologia. Durante os dois anos de permanência naquelas paragens, aproveitei todos os momentos livres para os ler e consultar, com assiduidade, e aos da secção arqueológica da Biblioteca do Instituto Vasco da Gama da cidade de Goa. Também nessa altura o meu Amigo, Doutor Panduronga Pissurlencar, Director do Arquivo Histórico do Estado da Índia, teve a gentileza de me emprestar vários livros desta especialidade.

Cumprida a missão oficial, regressei a Lisboa em Outubro de 1956 com bastantes apontamentos, um bom ficheiro, alguma preparação e ... muitos sonhos: pretendia entrar em contacto com os arqueólogos portugueses, aprender com eles as técnicas das escavações e acompanhá-los nos trabalhos de campo.”

Na última parte da dissertação, podem ler-se as seguintes palavras, que nas décadas seguintes se esforçou por transmitir às centenas de jovens, seus alunos de Arqueologia:

“O solo encerra preciosos testemunhos no seu seio. Para os compreender é preciso saber escavar, camada por camada, esse registo rigoroso da Natureza.

Constatee experimentalmente essa necessidade de usar técnicas apropriadas nas pesquisas arqueológicas, quando no Verão de 1957 participei, como principiante, na campanha de Tróia.

Aprendi nesses trabalhos de campo que se deve anotar todos os pormenores, conjugar a imaginação do poeta com a minúcia do relojoeiro, utilizar largamente a fotografia, o desenho e o metro e ... não ter pressa.”

Este estudo constituía, à época, o mais completo inventário sobre as produções de *terra sigillata* do território português: ali se registam oficinas de variadas épocas e partes do Império, representadas por peças notáveis, que só muitos anos depois, e por outros investigadores, vieram a ser publicadas.

Na atividade arqueológica de Manuel Farinha dos Santos, avultam ainda estudos de índole geral, de carácter regional, ou mesmo nacional, como é o caso de um belo ensaio, publicado em 1962, nas actas do *I Colóquio Portuense de Arqueologia*, intitulado “Algumas reflexões a propósito dos problemas da Pré-História portuguesa”. Nele passa em revista, de forma objetiva, temas que mantêm plena atualidade: Pré-História regional. A Pré-História nas Universidades. Institutos de Arqueologia anexos às Faculdades de Letras. Museu Etnológico. Especialistas e amadores. A educação do Público. Coleções de Pré-História. Trabalho de Equipa. Organismos protetores. Conclusões. Recorde-se que esta comunicação sucedeu de perto à reforma das Faculdades de Letras que introduziu a disciplina obrigatória anual de Pré-História, declarando, a propósito, o seu entusiasmo:

“Trata-se de uma medida do maior alcance e que permite o ensino daquela ciência com bastante desenvolvimento. Quantas vocações não despertará esse estudo!

Cabe aos professores e assistentes a missão de escolher e preparar, entre os mais capazes e os mais interessados, os futuros pré-historiadores, atraindo-os para o trabalho dos Institutos, fortificando-lhes o entusiasmo, ensinando-lhes as técnicas, fazendo deles seus diretos colaboradores e discípulos.

Um ano de regência desta disciplina na Faculdade de Letras de Lisboa, a lidar com cerca de uma centena de alunos, mostrou-me que está aqui o futuro da Pré-história portuguesa.”

O seu espírito visionário mas firmemente alicerçado na realidade, levou-o ainda a defender, quando o Museu Etnológico era simplesmente um organismo anexo à Faculdade de Letras, acumulando o Professor Catedrático ou Auxiliar de Arqueologia, por inerência, o lugar de seu Diretor, um estatuto verdadeiramente nacional para o mesmo, incompatível com a sua sujeição a um estabelecimento de ensino, o que só se veio a verificar muito mais tarde.

Ainda sobre a implementação da prática arqueológica, a nível nacional, defendendo que esta se deveria apoiar nos Institutos de Arqueologia criados no âmbito das Universidades, e de outros estabelecimentos centrais, declarou:

“Distribuídos ao longo do país, se forem dotados de pessoal especializado e meios necessários, podem ser a vanguarda das atividades pré-históricas em todo o território nacional.”

Este desígnio só veio a verificar-se muito depois, com a criação do IPPC e, depois, do IPPAR, e, enfim, em 1997, com a do Instituto Português de Arqueologia, e mesmo assim de forma limitada, que a mais não permitiram as dotações alocadas, a capacidade humana de resposta e as atribuições conferidas. Felizmente, temos hoje nas Autarquias, como a de Oeiras, um exemplo concreto da realização desse verdadeiro desígnio nacional, como ele próprio não se cansava de enaltecer, incitando-me a prosseguir, certo de que o exemplo seria rapidamente seguido por outras Câmaras Municipais, como de facto veio a acontecer.

Quanto à prática científica da Arqueologia, é igualmente profética a sua posição, numa altura em que o individualismo e as metodologias, já então obsoletas, de estudar os testemunhos arqueológicos eram a prática corrente em Portugal:

“Temos de acabar, de uma vez para sempre, com o trabalho individual em pré-história. A pesquisa deve ser feita por grupos de especialistas, preparados nas diversas técnicas. [...]. Sem esta atividade coletiva, não vale a pena proceder a trabalhos de campo.”

Só nos nossos dias passou a ser obrigatória a previsão das diversas especialidades a que o arqueólogo se deve socorrer e o modo de as garantir, para a realização dos seus trabalhos. E, a concluir, declarou:

“Se os problemas esboçados não forem vistos de frente, com decisão reformadora, é mais útil à Ciência deixar as antiguidades adormecidas, no seu sono muitas vezes milenar e esperar, com certa melancolia, que se criem melhores condições à pré-história portuguesa [...].”

Este notável documento, verdadeiro projeto de reestruturação nacional da actividade arqueológica, faria recuperar a Arqueologia Portuguesa do seu endémico atraso e amadorismo. O seu mérito, à época, é tanto maior, quanto é certo que partia de um simples segundo assistente recém-contratado. Como era de prever, estes considerandos não agradaram a Manuel Heleno, personalidade austera e suspicaz: mas a frontalidade com que foram apresentados, e o respeito mútuo entre o Professor e o Assistente, fizeram com que a demissão deste durasse apenas ... duas horas, como o próprio um dia me contou.

A preocupação de Farinha dos Santos em introduzir na Arqueologia em Portugal uma prática pluridisciplinar, mediante

a aplicação de novas técnicas, já então usuais em outros domínios, encontra-se bem expressa em dois estudos: “Aplicação da fotografia aérea no levantamento de cartas arqueológicas” (1965), publicado no Arquivo de Beja e “Possibilidades de aplicação do método da resistividade eléctrica na prospecção arqueológica” (1966), na revista *Ethnos*, decorrente de uma experiência concreta efetuada em área próxima da gruta do Escoural. Foi esta a primeira vez que se aplicaram métodos geofísicos à prática arqueológica, em Portugal. Merecem, por ainda hoje manterem plena atualidade, as considerações de Manuel Farinha dos Santos:

“O que até agora se conseguiu com a aplicação dos métodos de prospeção geofísica permite-nos admitir que numa das próximas décadas vai alcançar-se elevado rigor científico na localização dos vestígios arqueológicos [...]. Estamos no limiar de uma nova era da atividade arqueológica em que o trabalho lento, ao sabor das circunstâncias e preso a processos tradicionais deve ser substituído por uma investigação acelerada, eficiente e cada vez mais exata. Se não conseguirmos convencer as entidades responsáveis, e os menos esclarecidos, da necessidade de reformar, de alto a baixo e depressa, a metodologia arqueológica sujeitamo-nos a assistir, impotentes, à destruição do que resta do tombo sedimentado no subsolo.”

A visão estratégica de Manuel Farinha dos Santos, antecipando os acontecimentos e encontrando-se, deste modo, preparado para os resolver na altura própria, encontra-se expressa, não só pela sua atuação na criação do Grupo de Trabalhos Arqueológicos do Gabinete da Área de Sines, em 1972, mas também na prioridade dos trabalhos arqueológicos a desenvolver no âmbito da construção da barragem de Alqueva, de que foi um dos primeiros, senão o primeiro, a chamar a atenção: remonta a 1976 preclaro depoimento, intitulado “Salvamento

arqueológico da área a submergir pelo conjunto do Alqueva”, publicado em quatro números sucessivos, de 10 de março a 21 de abril do jornal eborense *A Defesa*. Todos nós tivemos conhecimento das recentes polémicas suscitadas a propósito do estudo científico deste valioso património arqueológico; poucos saberão que, há já mais de um quarto de século, Farinha dos Santos tinha chamado a atenção para o problema, quando a construção da obra era ainda mais do que incerta.

A sua preocupação com a salvaguarda do património arqueológico nacional encontra-se também expressa na colaboração dada ao levantamento arqueológico-bibliográfico do País, solicitado ao Prof. Doutor Fernando de Almeida pela então Direcção-Geral do Planeamento Urbanístico, ao qual Farinha dos Santos, de imediato, se dispôs a conceder o seu contributo. Trata-se de importante repositório, feito com base nas cartas militares à escala de 1/25.000, que infelizmente não teve o merecido desenvolvimento. Mais tarde, já em 1990, e também por iniciativa da referida Direcção-Geral, colaborou em equipa que efetuou idênticos trabalhos nos concelhos de Aljezur, Vila do Bispo, Monchique e Lagos, sob o título “Estudos de Integração do património histórico-urbanístico para a reabilitação urbana”.

Importa ainda salientar uma faceta da actividade científica de Manuel Farinha dos Santos, não menos importante que as anteriores: os seus trabalhos sobre a história da Arqueologia em Portugal e os dedicados à vida e obra de eminentes arqueólogos, alguns deles seus amigos. Tais trabalhos iniciaram-se em 1965, com a publicação, na revista *Ethnos*, de “O Abade de Baçal e a arqueologia pré-histórica de Trás-os-Montes”. Mais tarde, nos *Anais da Academia*, em 1980, publicou “Estudos de Pré-História em Portugal de 1850 a 1880”, importante repositório de informações, cuidadosamente coligidas e organizadas,

sobre uma temática que só hoje, a pouco e pouco, vem sendo estudada como merece. Logo a seguir, no *Congresso Histórico de Guimarães e sua Colegiada*, cujas actas se publicaram em 1981, traçou a “Contribuição de Martins Sarmiento para a Arqueologia Pré-Romana de Portugal”, e, no ano seguinte, singela homenagem biobibliográfica do seu Amigo Prof. Doutor António Alberto Banha de Andrade, que exercia, à data do seu passamento, em Junho de 1982, o cargo de 2.º Vice-Presidente desta Academia.

Em 1987, deu à estampa dois contributos na mesma área, “Antropologia Pré-Histórica em Portugal”, onde inventariou e caracterizou, indicando a respetiva bibliografia, as mais importantes estações arqueológicas que, até à data, tinham fornecido restos humanos no País, e “Os estudos de Pré-História e Arqueologia na Academia Portuguesa da História”, lida numa das sessões comemorativas do cinquentenário da Academia e depois publicada nas respetivas actas. Ali traçou os percursos de Afonso do Paço, Eugénio Jalhay, Manuel Heleno, Mário Cardozo e Fernando de Almeida, de quem viria a fazer o elogio, feito neste mesmo local no dia 28 de novembro de 1980, aquando da sucessão na cadeira ocupada por aquele ilustre arqueólogo, seu Amigo e colaborador.

Enfim, é de registar as muitas entradas que preparou para a *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, sobre estações da Pré-História portuguesa e europeia.

Minhas Senhoras e Meus Senhores, prezados Confrades:

O Professor Manuel Farinha dos Santos desapareceu definitivamente do nosso convívio. Mas esse desaparecimento foi apenas físico. Na verdade, os homens só morrem quando deles tiver desaparecido a recordação de quem os estimou e respeitou

em vida, procurando seguir o seu exemplo de probidade, criatividade, dignidade e dedicação a um ideal, qualidades que foram expressas ao mais alto grau, pelo Mestre e Amigo. Dele brotavam naturalmente a simpatia do trato e a genuína alegria, que transbordava com os êxitos dos seus discípulos ou amigos, como se fossem seus: e eram, na verdade seus, pelo muito que queria a todos eles. Não tive a sorte de ser seu aluno; orgulho-me, porém, de ter sido seu Amigo e colaborador próximo; e conto-me entre os seus admiradores sinceros, recordando, em cada dia que passa, o seu carácter digno, a tenacidade na acção e a bondade da sua alma. Na ausência do Homem, permanece a Obra, para benefício de todos e o exemplo de uma vida íntegra, preenchida sem mácula.

BIBLIOGRAFIA
DO
PROFESSOR
MANUEL FARINHA DOS SANTOS



1958

- 1 – *Contribuição para um melhor conhecimento da “terra sigillata” encontrada em Portugal – A “terra sigillata” do Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos*. Dissertação de licenciatura em Ciências Históricas e Filosóficas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Copiografada. 245 pp.

1961

- 2 – *O pintor Sousa Lopes*. Dissertação apresentada no exame final do Curso de Conservadores dos Museus, Palácios e Monumentos Nacionais. Copiografada. 2 vol., 192 pp. e 234 fot.

1962

- 3 – Algumas reflexões a propósito dos problemas da Pré-História portuguesa. Actas do I Colóquio Portuense de Arqueologia (Porto/Guimarães, 1961). *Stvdivm Generale*. Porto. 9 (1), pp. 159-166.
- 4 – *Sousa Lopes*. Lisboa. Catálogo da Liga dos Combatentes, pp. 13-69.
- 5 – A educação artística das classes populares. *Boletim do Museu Nacional de Arte Antiga*. Lisboa.

1964

- 6 – Vestígios de pinturas rupestres descobertos na gruta do Escoural. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série II, 5, pp. 5-51.

1965

- 7 – Aplicação da fotografia aérea no levantamento de cartas arqueológicas. *Arquivo de Beja*. Beja. 22, pp. 137-142.
- 8 – Colecções de pré-história. *Arquivo de Beja*. Beja. 22, pp. 157-159.
- 9 – Recensão: Le geste et la parole. *Revista de Etnografia*. Porto, pp. 247-249.
- 10 – O abade de Baçal e a arqueologia pré-histórica de Trás-os-Montes. *Brotéria*. Lisboa. 80 (4), pp. 509-518.
- 11 – O abade de Baçal. *Ethnos*. Lisboa. 4, pp. 59-62.
- 12 – La grotte ornée d'Escoural. *Bulletin de la Société Pré-historique Française*. Paris. 62, pp. 110-117 (de colaboração com abbé Glory e M. Vaultier).

1966

- 13 – Possibilidades de aplicação do método da resistividade eléctrica na prospecção arqueológica. *Ethnos*. Lisboa. 5, pp. 313-335.

1967

- 14 – Noções de Pré-História. *Arquivo de Beja*. Beja. 23/24, pp. 3-50.
- 15 – Novas gravuras rupestres descobertas na gruta do Escoural. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 87 (1/2), pp. 18-34.
- 16 – *Arqueologia do concelho de Montemor-o-Novo – Realizações, problemas, perspectivas*. Montemor-o-Novo. 19 pp.

- 17 – A necrópole do tipo “tholos” de Santiago do Escoural. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série III, 1, pp. 107-113.
- 18 – Concheiro mesolítico do Barranco da Moura, Grândola. *O Arqueólogo Português*. Lisboa, Série III, 1, pp. 113-114.
- 19 – Mário Tavares Chicó. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa. 5, p. 244.
- 20 – Homem de Cro-Magnon. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa. 6, pp. 427-429.
- 21 – Datação. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa. 6, pp. 802-805.
- 22 – Dendrocronologia. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa. 6, p. 997.
- 23 – Deusa-Mãe. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa. 6, p. 1188.

1968

- 24 – Concheiro mesolítico do Barranco da Moura, Grândola. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série III, 2, p. 183.
- 25 – Pré-História do Egipto. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa. 7, pp. 189-195.
- 26 – Enxó. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa. 7, p. 627.
- 27 – Ertebollense. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa. 7, pp. 812-813.
- 28 – Técnicas de escavação. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa. 7, pp. 870-874.
- 29 – Gruta do Escoural. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa. 7, pp. 940-943.
- 30 – Pré-História de Espanha. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa. 7, pp. 1080-1096.

- 31 – Estação. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa. 7, pp. 1344-1345.

1969

- 32 – O monumento eneolítico de Santiago do Escoural. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série III, 3, pp. 37-62 (de colaboração com O. da Veiga Ferreira).
- 33 – O. da Veiga Ferreira. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa. 8, pp. 645-646.
- 34 – Fíbula. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa. 8, pp. 738-739.
- 35 – Datação pelo fluor. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa. 8, p. 1092.
- 36 – Foice. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa. 8, pp. 1133-1135.
- 37 – Gruta de Font-de-Gaume. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa. 8, pp. 1196-1198.
- 38 – Fotografia aérea. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa. 8, pp. 1359-1362.
- 39 – Práticas funerárias. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa. 8, pp. 1809-1810.
- 40 – Gruta da Furninha. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa. 8, pp. 1818-1821.

1970

- 41 – Notícia preliminar sobre as escavações na Lapa da Rainha (Vimeiro). *Actas das I Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 1969). Lisboa. 1, pp. 271-288 (em colaboração com J. Roche, Fernando de Almeida e O. da Veiga Ferreira).

- 42 – Protecção dos testemunhos da arte rupestre pré-histórica. *Actas das I Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 1969). Lisboa, 2, pp. 459-462.
- 43 – Ídolo eneolítico dos arredores de Lisboa. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série III, 4, pp. 61-64.
- 44 – Iberos. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa. 10, pp. 731-742.

1971

- 45 – A cerâmica cardial da gruta do Escoural. *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia* (Coimbra, 1970). Coimbra. 1, pp. 93-94.
- 46 – Manifestações votivas da necrópole da gruta do Escoural. *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia* (Coimbra, 1970). Coimbra. 1, pp. 95-96.
- 47 – Relatório da Secção de Pré-História da Associação dos Arqueólogos Portugueses relativo ao ano associativo de 1970/1971. *Arqueologia e História*. Lisboa. Série IX, 3, pp. 361-368.
- 48 – Lâmina. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa. 11, pp. 1389-1390.
- 49 – Gruta de Lascaux. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa. 11, pp. 1489-1496.
- 50 – Magdalenense. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa. 12, pp. 1027-1031.
- 51 – Arte pré-histórica em Portugal. *Boletim da Academia Portuguesa da História*. Lisboa. 38.

1972

- 52 – Pré-História de Portugal. Lisboa: Editorial Verbo. 174 pp.
- 53 – Campaniforme da Barrada do Grilo (Torrão-Vale do Sado). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série III, 6, pp. 163-192 (em colaboração com Joaquina Soares e Carlos Tavares da Silva).
- 54 – Região mediterrânica. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa. 13, pp. 174-179.
- 55 – Arte funerária megalítica. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa. 13, pp. 190-198.
- 56 – Megalitismo. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa. 13, pp. 198-202.
- 57 – Menir. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa. 13, pp. 342-345.
- 58 – Mesolítico. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa. 13, pp. 429-431.
- 59 – Mustierense. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa. 13, pp. 1617-1620.
- 60 – Natufense. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa. 13, pp. 1728-1730.
- 61 – II Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série III, 6, pp. 315-319.
- 62 – Moedas hispânicas recolhidas na Cabeça de Vaiamonte (Monforte, Alto Alentejo). *Anais da Academia Portuguesa da História*. Lisboa. Série II, 21, pp. 491-511.

1973

- 63 – As II Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses. *Actas das II Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 1972). Lisboa. 1, pp. 7-9.

- 64 – A estela decorada de Castro Verde. *Actas das II Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 1972). Lisboa. 1, pp. 223-227.
- 65 – Moedas hispânicas do povoado do Pedrão (Setúbal). *Actas das II Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 1972). Lisboa. 1, pp. 307-318 (de colaboração com Joaquina Soares e C. Tavares da Silva).
- 66 – Fíbulas recolhidas na Cabeça de Vaiamonte (Monforte, Alto Alentejo). *Anais da Academia Portuguesa da História*. Lisboa. 22, pp. 187-197.
- 67 – Prehistoric rock engraving at Fratel, Portugal. *Antiquity*. Londres. p. 238.
- 68 – Gruta de Niaux. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa. 14, pp. 67-70.
- 69 – Manuel Afonso do Paço. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa. 14, pp. 1012-1013.
- 70 – Abrigo de Pala Pinta. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa. 14, pp. 1098-1099.
- 71 – Palinologia. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa. 14, p. 1152.

1974

- 72 – Bibliografia arqueológica de Joaquim Fontes (1910-1960). *Actas das II Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 1972). 1, pp. 9-16.
- 73 – O concheiro epipaleolítico do Cabeço do Pez (vale do Sado – Torrão). Primeira notícia. *Actas do III Congresso Nacional de Arqueologia* (Porto, 1973). Porto. 1, pp. 173-189 (de colaboração com Joaquina Soares e C. Tavares da Silva).

- 74 – Necrópole da Provença. *Arqueologia e História*. Lisboa. Série IX, 5, pp. 69-99.
- 75 – *Pré-História de Portugal*. 2.^a Edição. Lisboa. Editorial Verbo, 175 p.
- 76 – Dolmens et menhirs de l'Alentejo. *Les Dossiers de l'Archéologie*. Paris. 4, pp. 10-18.
- 77 – Pré-História. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa. 15, p. 995.
- 78 – Proto-História. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa. 15, p. 1282.
- 79 – Resistividade. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa. 16, p. 408.
- 80 – Grutas de Rio Maior. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa. 16, pp. 642-643.
- 81 – Arte rupestre. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa. 16, pp. 962-967.
- 82 – Sangoense. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa. 16, p. 1246.

1975

- 83 – A necrópole da Idade do Bronze da Provença, Sines. *Actas XIII Congreso Nacional de Arqueología* (Huelva, 1973). Zaragoza, pp. 417-432. (em colaboração com Joaquina Soares e C. Tavares da Silva).
- 84 – Smithfieldense. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa. 17, pp. 341-342.
- 85 – Talaiota. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa. 17, p. 987.
- 86 – Tardenoisense. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa. 17, pp. 1061-1062.

- 87 – Arte rupestre do Tassili. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa. 17, pp. 1084-1087.
- 88 – Tipologia. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa. 17, pp. 1573-1575.

1976

- 89 – Salvamento arqueológico da área a submergir pelo conjunto do Alqueva. *A Defesa*. Évora. 10 e 24 de Março e 7 e 21 de Abril.
- 90 – A fotografia aérea ao serviço da Arqueologia. *A Defesa*. Évora. 28 de Julho, 4 e 25 de Agosto e 1 de Setembro.
- 91 – Menhirs et cromlechs de l'Alentejo (Portugal). *Actas do IX Congresso da União Internacional de Ciências Pré-Históricas e Proto-Históricas* (Nice, 1976). Résumés des Communications, supplément, p. 65 (em colaboração com José Pires Gonçalves).

1977

- 92 – Moedas com inscrições púnicas de quatro oficinas hispânicas do litoral, pertencentes à colecção do Museu de Évora. *Actas do XIV Congreso Nacional de Arqueologia* (Vitoria, 1975). Zaragoza, pp. 795-810 (em colaboração com G. Marques).
- 93 – Gruta de Tuc d'Audoubert. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa. 18, pp. 199-200.

1978

- 94 – A jazida arqueológica da Horta da Arraieira (Reguengos de Monsaraz). *A Defesa*. Évora. Separata do Grupo dos Amigos de Monsaraz, 5 pp.

1979

- 95 – O polidor rupestre n.º 1 da Herdade da Capela (Reguengos de Monsaraz. *Actas XV Congreso Nacional de Arqueologia* (Lugo, 1977). Zaragoza, pp. 375-384 (em colaboração com José Pires Gonçalves).
- 96 – A oficina monetária lusitano-romana de Mérida e sua representação no Museu de Évora. *Anais da Academia Portuguesa da História*. Lisboa. Série II, 15, pp. 421-465.
- 97 – Gruta de Bedeilhac. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa. 1.º Volume do Suplemento (19), pp. 456-459.
- 98 – Mont Bégo. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. 1.º Volume do Suplemento (19), pp. 460-464.
- 99 – Buriil. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. 1.º Volume do Suplemento (19), pp. 607-608.
- 100 – Gruta de Combarelles. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. 1.º Volume do Suplemento (19), pp. 840-843.
- 101 – Gruta de Ebbou. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. 1.º Volume do Suplemento (19), pp. 1102-1104.
- 102 – José Camarate França. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. 1.º Volume do Suplemento (19), pp. 1349-1351.
- 103 – Gruta de Gabillou. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. 1.º Volume do Suplemento (19), pp. 1385-1388.

1980

- 104 – Descobertas de arte rupestre na gruta do Escoural (Évora, Portugal). *Altamira Symposium*. Madrid, pp.205-243.

- 105 – Gruta de La Pileta. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. 2.º Volume do Suplemento (20), pp. 310-312.
- 106 – Georg Klauss Leisner. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. 2.º Volume do Suplemento (20), pp. 353-354.
- 107 – Vera Leisner. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. 2.º Volume do Suplemento (20), pp. 353-354.
- 108 – Gruta de Marsoulas. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. 2.º Volume do Suplemento (20), pp. 466-468.
- 109 – Gruta de Nerja. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. 2.º Volume do Suplemento (20), pp. 625-627.
- 110 – Numismática em Portugal. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. 2.º Volume do Suplemento (20), pp. 664-670.
- 111 – Gruta de Portel. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. 2.º Volume do Suplemento (20), pp. 873-875.
- 112 – Leonel Ribeiro. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. 2.º Volume do Suplemento (20), pp. 1051-1052.
- 113 – Gruta de Rouffignac. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. 2.º Volume do Suplemento (20), pp. 1084-1087.
- 114 – Arte rupestre em Portugal. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. 2.º Volume do Suplemento (20), pp. 1093-1101.
- 115 – Terra Amata. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. 2.º Volume do Suplemento (20), pp. 1328-1330.
- 116 – Estudos de Pré-História em Portugal de 1850 a 1880. *Anais da Academia Portuguesa da História*. Lisboa. Série II, 26 (2), pp. 253-297.

- 117 – Estudos de Pré-História em Portugal no primeiro quartel do século XX. *Boletim da Academia Portuguesa da História*. Lisboa. 44.

1981

- 118 – Contribuição de Martins Sarmiento para a Arqueologia pré-romana de Portugal. Congresso Histórico de Guimarães e sua Colegiada. Guimarães. 4, pp. 127-135.

1982

- 119 – *Prof. Doutor António Alberto Banha de Andrade. In Memoriam*. O Montemorense. Série III, ano 1 (8) e Boletim do Grupo de Amigos de Montemor-o-Novo, 32-33. Separata da Academia Portuguesa da História. Lisboa. 6 pp.
- 120 – Algumas oficinas monetárias hispânicas representadas no Museu de Évora. *FN – Filatelia e Numismática*. Lisboa. 10, 11, 12.
- 121 – Antropologia Pré-Histórica em Portugal. *Anais da Academia Portuguesa da História*. Lisboa. 27, pp. 131-158.
- 122 – A inscrição indígena da Cerca do Curralão (Almodôvar) e seu enquadramento no *corpus* do SO peninsular. *Boletim da Academia Portuguesa da História*. Lisboa. 46.

1983

- 123 – A estatueta feminina paleolítica descoberta em Setúbal no quadro da fenomenologia mágica da arte quaternária. *Boletim da Academia Portuguesa da História*. Lisboa. 47.
- 124 – O santuário exterior do Escoural. Sector NE. (Montemor-o-Novo, Évora). *Zephyrus*. Salamanca. 36, pp. 287-307 (de colaboração com Rosa e Mário Varela Gomes).

- 125 – Estatueta paleolítica descoberta em Setúbal. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 6/7 (1980-1981, publicado em 1983), pp. 29-37.

1985

- 126 – A jazida epipaleolítica do vale da Fonte da Moça (Almeirim). *Boletim da Academia Portuguesa da História*. Lisboa. 49.
- 127 – Manifestações neolíticas no contexto dos testemunhos pré-históricos do Outeiro da Herdade da Sala (Escoural, Montemor-o-Novo, Portugal). *Actas do XVII Congreso Nacional de Arqueologia* (Logroño, 1983), Zaragoza, pp. 135-144.
- 128 – O povoamento pré-romano do distrito de Castelo Branco, arqueologia da beira Baixa. *Actas das I Jornadas Arqueológicas da Beira Baixa* (Castelo Branco, 1979). Castelo Branco (publicadas em 1983), pp. 12-29.
- 129 – *Pré-História de Portugal*. 3.^a Edição, actualizada. Lisboa. Editorial Verbo, 214 pp.
- 130 – *Elogio do Prof. Doutor D. Fernando de Almeida*. Academia Portuguesa da História. Lisboa. 57 pp.

1986-1987

- 131 – O podomorfo de Peroliva (Reguengos de Monsaraz, Portugal), no contexto das pegadas humanas rupestres do território português. *Bajo Aragon Prehistoria* (Actas I Congreso Internacional de Arte Rupestre). Caspe (Zaragoza). 7/8, pp. 273-278 (em colaboração com J. M. F. Rolão e M. G. D. Marques).

1987

- 132 – Os estudos de Pré-História e Arqueologia na Academia Portuguesa da História. *Actas do Cinquentenário da Academia Portuguesa da História* (Lisboa, 1986). Lisboa. Pp. 313-332.

1988

- 133 – Pré-História do Baixo Tejo: sondagem 1/87 da jazida epipaleolítica n.º 2 do Vale da Fonte da Moça (Almeirim). *Simpósio "O Bronze Final na Beira Interior"* (Mação, 1988). Resumos das comunicações (em colaboração com M. G. D. Marques e J. M. F. Rolão).
- 134 – Aspectos morfológicos de uma vértebra humana do Calcolítico (necrópole da Buraca da Moura – Torres Novas). *Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu* (Viseu, 1988). Viseu, pp. 143-148 (em colaboração com T. Mota, J. Vaz e A. S. Cunha).

1989

- 135 – Duas novas jazidas epipaleolíticas do Baixo Tejo: n.º 1 e 2 do vale da Fonte da Moça (Almeirim), sua exploração arqueológica e salvaguarda. *Actas do 1.º Congresso do Tejo* (Lisboa, 1987). Lisboa. 1, pp. 33-38.
- 136 – Primeira notícia sobre a arte mobiliária epipaleolítica do baixo Tejo. *Boletim da Academia Portuguesa da História*. Lisboa. 51, pp. 237-239.

1990

- 137 – *Estudos de integração do património histórico-urbanístico para a reabilitação urbana* (coordenação de J. M. Silva Passos). Lisboa, DGOT. 1 – Aljezur, Vila do Bispo, Monchique e Lagos. Levantamentos em 119 cartas, à escala de 1/25.000.

- 138 – Artefactos do Paleolítico Superior da gruta do Escoural. *Almansonor*. Montemor-o-Novo. 8, pp. 15-36 (de colaboração com M. V. Gomes e J. L. Cardoso).

1991

- 139 – Dois artefactos de osso, pós-paleolíticos da gruta do Escoural (Montemor-o-Novo). *Almansonor*. Montemor-o-Novo. 9, pp. 75-94 (em colaboração com M. V. Gomes e J. L. Cardoso).
- 140 – Saudação ao Professor Doutor José Carro Otero. *Boletim da Academia Portuguesa da História*. Lisboa. 52, pp. 191-192.
- 141 – Centenário da morte de Estácio da Veiga: Estácio da veiga, arqueólogo. *Boletim da Academia Portuguesa da História*. Lisboa. 53, pp. 233-234.
- 142 – Seixos gravados da jazida epipaleolítica do vale da Fonte da Moça (Almeirim). *Mediterrâneo*. Lisboa. 2, pp. 233-244 (Actas do I Congresso Mediterrâneo de Etnologia Histórica, Lisboa, 1991).

1994

- 143 – Notícia preliminar sobre “Fraga das Passadas” (Valpaços, Portugal). *Zephyrus*. Salamanca. 47, pp. 353-363 (de colaboração com A. Freitas e J. M. Rolão).
- 144 – Lisboa pré-romana. *Dicionário da História de Lisboa* (dir. F. Santana e E. Sucena). Lisboa, pp. 499-503.
- 145 – Paleolítico de Torres Vedras. *Actas das V Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 1993). Lisboa. 2, pp. 10-18 (de colaboração com A. Carolino).
- 146 – Paleolítico Superior tardio da jazida do Camarnal (Alenquer). *Actas das V Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 1993). Lisboa. 2, pp. 25-30 (de colaboração com J. M. Rolão).

- 147 – O santuário exterior do Escoural – sector SE (Montemor-o-Novo, Évora). *Actas das V Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 1993). Lisboa. 2, pp. 93-108.

1996-1997

- 148 – Gravuras rupestres do distrito de Bragança: elementos para a sua localização e estudo. *Anais da Universidade Autónoma de Lisboa – série História*. Lisboa. 3/4, pp. 105-113.

1999

- 149 – Um notável biface acheulense da serra do Brunheiro (Chaves). *Stvdium Dilectvm. Colectânea de homenagem ao Prof. Doutor Justino Mendes de Almeida*. Lisboa. Academia Portuguesa da História, pp. 251-263 (em colaboração com J. L. Cardoso).
- 150 – Riqueza e diversidade do registo arqueológico: o caso do litoral a Norte da praia de Santa Cruz (Torres Vedras). *Fraternidade e Abnegação, a Joaquim Veríssimo Serrão, os Amigos*. Lisboa. Academia Portuguesa da História. 2, pp. 673-683.

RESPOSTA
AO
RECIPIENDÁRIO

PELO

Académico de Número

JUSTINO MENDES DE ALMEIDA



Senhor Presidente
Senhores Académicos
Senhoras e Senhores

Ao pronunciar a saudação ao recipiendário na cadeira n.º 9, que desde Abril de 1980 pertenceu ao Prof. Manuel Luís de Macedo Farinha dos Santos, que muito a ilustrou, cumpro uma deliberação do Conselho Académico que vem ao encontro de uma vontade minha, porque assim tenho a oportunidade de homenagear dois Confrades que são simultaneamente dois Amigos. Esta intervenção representa o prosseguimento da apreciação da obra arqueológica do Prof. João Luís Serrão da Cunha Cardoso que em outra ocasião já iniciei. Desde então a publicação de trabalhos do novo Académico de Número tem-se sucedido em ritmo que eu me atrevo a qualificar de inebriante, sem que a qualidade dessa imensa atividade cultural seja prejudicada pela quantidade. Procurarei então mostrar como João Luís Cardoso é um digno sucessor de Farinha dos Santos, quer na cadeira que vem ocupar, quer na atividade de arqueólogo em que ambos se equiparam sobremaneira.

O novo Académico de Número, natural de Lisboa, onde frequentou o Liceu Normal de Pedro Nunes, começou muito

novo, anda como aluno, a dedicar-se ao estudo das indústrias do Paleolítico Inferior, acolhendo-se à sombra protetora do Mestre Georges Zbyszewski, continuador do sábio Henri Breuil – que ainda conheci. Breuil e Zbyszewski foram pioneiros no estudo do Quaternário português. João Luís Cardoso, com formação universitária de índole geológica, – licenciatura em Geologia (ramo científico) – fez bom aproveitamento da lição dos Mestres, como se reconhece nos trabalhos sobre Geologia do Quaternário, que foi publicando, em particular os relativos aos fenómenos de erosão e de sedimentação atuais, culminando com a apresentação à Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa, em novembro de 1984, de uma dissertação de Mestrado em Geologia de Engenharia. Na sequência destes estudos, e aturada investigação, João Luís Cardoso pôde dedicar-se ao desenvolvimento de um campo até então não muito cultivado em Portugal: a Geoarqueologia.

Em Outubro de 1992 apresentou, também na Universidade Nova de Lisboa, a sua dissertação de doutoramento, aprovada com Distinção e Louvor. Foi seu orientador o Prof. Doutor M. Telles Antunes – aqui presente e que saúdo muito cordialmente –, num trabalho sobre os grandes mamíferos plistocénicos reconhecidos até então no território português. Com tal determinação, mercê do seu contributo para o conhecimento das bases de subsistência do homem paleolítico, João Luís Cardoso perfila-se como um dos introdutores da Arqueozoologia em Portugal.

Do seu extenso currículo, para além da imensidade de trabalhos científicos, sobressai uma nota humana que muito o dignifica: não esquece de quanto é devedor a Zbyszewski, a Veiga Ferreira, a Telles Antunes, cujos nomes justamente recorda.

Se pudesse debruçar-me sobre o seu currículo científico, eu teria de mencionar os 320 trabalhos, tantos quantos são citados numa das suas últimas publicações, no vol. 8 dos *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, essa extraordinária iniciativa da Câmara Municipal, de cujo Centro de Estudos Arqueológicos é coordenador. Esta estrutura autárquica, uma das primeiras criadas no País, privilegia a investigação, preservação e divulgação do património arqueológico concelhio, exemplo que é muito para louvar.

Na impossibilidade de apreciar ou sequer de mencionar todos esses trabalhos, limito-me à indicação das temáticas estudadas por João Luís Cardoso: Paleolítico, Epipaleolítico/Mesolítico, Neolítico e Calcolítico, Idade do Bronze, Idade do Ferro, Arqueologia Romana, Arqueologia das Épocas Moderna e Contemporânea, Arqueologia Industrial, Arqueozoologia e Faunas do Quaternário, Geoarqueologia e Geologia do Quaternário, Cartografia Arqueológica e Sínteses regionais, História da Arqueologia e estudos biobibliográficos de arqueólogos portugueses. A tudo isto, juntaríamos ainda um conjunto de trabalhos de diversa temática e uma extensa colaboração em dicionários e enciclopédias.

Disse há pouco que, por entre os trabalhos científicos, ressalta sempre uma nota esclarecedora da seriedade do seu carácter: o não esquecer nunca quanto é devedor aos que o antecederam. Mas seria injusto não lembrar o apoio que tem dado aos mais jovens – ele que é um jovem – quer como orientador ou coorientador de dissertações de mestrado e de doutoramento, quer como vogal e arguente de um número muito elevado de júris. E quem tem alguma experiência universitária sabe bem como por vezes não é fácil constituir um júri, o que obriga os candidatos a uma enervante espera de meses e até

de anos. Para tal, mostrou sempre o Prof. João Luís Cardoso grande disponibilidade.

O carinho, o entusiasmo com que acompanha os estudantes, seja do ensino universitário, seja do ensino secundário, em frequentes visitas aos povoados pré-históricos são também de enaltecer. Por tudo se compreende que instituições mecenáticas lhe tenham concedido bolsas de estudo, no País e no estrangeiro, a fim de complementar a sua formação e levar a bom termo projetos de investigação nacionais e internacionais. Como bem se compreende que lhe tenham sido atribuídos galardões científicos, quais são os prémios Laranjo Coelho e Aboim Sande Lemos, da Academia Portuguesa da História, e Prof. Carlos Teixeira, da Academia das Ciências de Lisboa.

Estranhar-se-á que um filólogo clássico tenha a ousadia de penetrar em matérias tão especializadas como as que acabo de enunciar. Responderei que a minha formação de cultura clássica, com base no conhecimento do grego e do latim, me permitiram aproximar-me sempre, com muito interesse, dos estudos arqueológicos. A tal ponto que até me atrevi a dedicar-me aos estudos epigráficos.

Já se vê com que entusiasmo saúdo hoje um arqueólogo de competência incontestada – para mais quando a minha Universidade, a Autónoma de Lisboa, já lhe deve inestimáveis serviços –, que vem preencher nesta Academia a vaga deixada por outro grande arqueólogo. Manuel Farinha dos Santos, na mão de Deus, presente em espírito nesta cerimónia, sentir-se-á plenamente confortado, ao reconhecer que neste ato solene, também em sua homenagem, é a Academia que se prestigia, alegrando-se com o novo Académico de Número, João Luís Serrão da Cunha Cardoso, como se alegrara com o seu antecessor, Manuel Luís de Macedo Farinha dos Santos.

Quid multa? Para quê mais palavras? Na síntese que apresentei, para não abusar da vossa benevolência, creio ter deixado elementos suficientes para traçar, de maneira simples e resumida, a atividade científica e acadêmica de João Luís Cardoso e concluir que o recipiendário de hoje é, sem dúvida, um Académico a quem se faz jus também, pela dedicação que já manifestou a esta Casa e pelo muito que a Academia ainda dele espera e que por certo não lhe recusará.